

A Produção Independente de Filmes Super-8 no Estado do Paraná (1973 – 1980)

Flavio Rogerio Rocha - PUCPR

Este trabalho pretende analisar a produção independente, de filmes na bitola cinematográfica super-8 durante a década de 1970, mais especificamente entre os anos de 1973 a 1980, no Estado do Paraná. Assunto este, que chama a atenção pela quantidade de festivais dedicados somente a esta bitola, e as frutíferas produções realizadas durante este período no Estado. Além disto, é interessante constatar que alguns dos realizadores paranaenses estavam entre os superoitistas mais premiados do país.

Desta forma, portando este objeto de pesquisa, levantamos a seguinte hipótese: de que o super-8 se constituiu em uma área de produção cultural com uma dinâmica até certo ponto própria. Pois, como constatamos, gerou uma série de festivais locais dedicados somente a bitola, com participações de realizadores de todo o país. Sob este mesmo prisma, podemos suscitar que, por seu baixo custo e por sua falta de inserção em um 'mercado cinematográfico', oferecia a seus realizadores maiores possibilidades em relação a investigação da linguagem do cinema, privilegiando a experimentação e a pesquisa. Além disso, bota em questão a propriedade dos meios de produção cinematográficos, por seu baixo preço em relação aos outros suportes de cinema.

Todavia, ele se definia também como um território de criação mais ou menos precário, mais ainda que o resto da produção independente em outras bitolas (16 mm, 35 mm), e sujeito a pressões de todos os tipos, como a efemeridade dos próprios festivais que ele gerou. Mesmo assim, dá margem ao surgimento de expressões individuais que podem fazer parte do discurso cinematográfico em geral. É quase uma regra que um realizador não queira ficar na bitola a vida inteira, pelas pressões que o cinema sofre, entre outras coisas. Contudo, é aí que o super-8 se apresenta como um espaço que permite o aprendizado, que permite o experimentalismo, e acaba desvendando a linguagem e a expressividade do cinema para o indivíduo.

Para desvendarmos este processo de um ponto de vista mais amplo, vislumbramos a política cultural do Estado com relação ao cinema, no âmbito mais geral – ou seja, iniciativas como o INC (Instituto Nacional de Cinema) , Embrafilme (Empresa Brasileira de Filmes S.A.), CONCINE (Conselho Nacional de Cinema), etc. – principalmente a partir do final dos anos de 1960, quando a ditadura militar começava a penetrar de forma mais contundente em todas as esferas de atividades sociais. Além disso, falaremos a respeito da relação destas políticas (órgãos estatais) com o cineclubismo e o curta-metragem, nacionalmente. Claro, levando em consideração que aquele circuito e estes filmes, eram os canais mais alternativos de divulgação e produção independente da época. Desta maneira, pretendemos averiguar os conflitos e as confluências entre os interesses envolvidos, relacionando, entre outras coisas, com as tentativas de implantação de um ‘mercado paralelo’ para filmes fora de circuitos comerciais (16 mm e super-8), e as iniciativas que elas geraram. Como por exemplo: a Dinafilme; a distribuidora do movimento cineclubista, ligada ao Conselho Nacional de Cineclubes.

Para nortear esta pesquisa, nos utilizamos de autores como José Mário Ortiz Ramos, Jean-Claude Bernadet, Paulo Emílio Salles Gomes, Anita Simis, entre outros, no que diz respeito a política de cultura estatal. Para situarmos as discussões mais próximas do cineclubismo e do curta-metragem, nos utilizamos de periódicos de época dedicados a cinema. Dos mais importantes podemos citar o ‘Jornal Bimensal de Artes Cinematográficas da PUC – RJ: Cine Olho’, feita por universitários (cineclubistas e realizadores independentes), e a própria revista do Estado, ligada primeiramente ao INC, e depois a Embrafilme: Filme Cultura. Estes dois periódicos, por isto, caracterizam-se como sendo dois pólos diferentes em relação ao tema, por suas diferentes orientações. E ainda pesquisamos documentos relacionados ao Conselho Nacional de Cineclubes (CNC), e sua trajetória durante a década, suas lutas internas, etc. Estes, conseguidos junto a atual Cinemateca de Curitiba, antiga Cinemateca do Museu Guido Viaro. Mais especificamente, em relação ao Super-8, nos utilizamos em grande parte das pesquisas e de um artigo chamado: “Super-8 Paranaense: Elementos para uma História”, da Prof^a. Denise Bottman sobre o mesmo

assunto. O qual nos deu um grande embasamento para a pesquisa. Muito desse material foi conseguido junto ao próprio Departamento de História, da Universidade Federal do Paraná, local de entrega deste trabalho. Além disso, ainda procuramos recortes de jornais da época e outros tantos periódicos relacionados ao movimento superoitista local.

No entanto, algo que prejudicou em muito a pesquisa, foi a falta de acesso a mais documentos, mais especificamente a grande maioria dos filmes realizados no período. Segundo a Prof^a. Denise Bottman haveria no “... CEFET (...) o melhor arquivo sobre o super-8 paranaense, completo e sistematizado a partir de 1977.”¹ Todavia, após mais de vinte anos do término da realização destes festivais, não foram encontrados mais nenhum registro deste material em tal Instituição. O que demonstra o descaso e falta de interesse com relação a História, por parte da sociedade com um todo. Tentamos procurar acesso aos arquivos pessoais dos realizadores da época, entretanto esta estratégia, não se demonstrou tão frutífera quanto o esperado. Salvo raras exceções. Esta situação acabou por desviar o intuito inicial da pesquisa, que seria trabalhar mais com a análise estética dos filmes, não indo tanto por um viés ligado a política cultural. O que acabou acontecendo. Todavia, este, digamos, descaminho não arrefeceu a vontade de reflexão de um apaixonado pelo cinema.

Monografia (Graduação) – Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Departamento de História. Curitiba, 2002.

1. História; 2. Cinema; 3. Super-8.

¹ BOTTMAN, Denise. Super-8 Paranaense: Elementos para uma História. **História: Questões e Debates** – Revista da Associação Paranaense de História – APAH, Curitiba, ano 3, n. 4, p. 44, jun. 1982.